

## Adísia Sá: depoimento

Quando eu era jovem estudante de Filosofia, contestava Blaise Pascal e sua escola – de Port Royal. Predestinação? Coisa de filósofo...

Depois, com o tempo, fui percebendo que a coisa merecia maior análise e consideração. Na prática, encontrei comprovação... em termos imanescentes...

Formada em Filosofia em dezembro de 1954, em janeiro do ano seguinte entrava em jornal, para nunca mais sair...

Foram estas as duas vertentes de minha vida: magistério e jornalismo, mescladas por produção filosófica, histórica e literária. Mulher de jornal, rádio e televisão e tempo para cursos em Faculdades e palestras e conferências por este Brasil a fora.

Mas, recuemos um pouco no tempo.

Antes de me profissionalizar jornalista, freqüentava a Associação Cearense de Imprensa e foi lá onde me deparei com um ponto significativo na minha vida: no seu Estatuto estava escrito: “pugnar por uma escola de jornalismo.”

Aquilo passou a ser uma “provocação”: tinha certeza que era para mim aquela mensagem.

Com um grupo de amigos – antes resistentes à idéia – nos lançamos na busca de uma escola de jornalismo. Vieram dois cursinhos para principiantes – 1964 e 1965 – patrocinados pelo Sindicato dos Jornalistas e pela Associação Cearense de Imprensa, e um Curso Livre, também em 1965, apoiado pela Universidade Federal.

E foi por determinação de seu reitor, Antonio Martins Filho, que sai pelo Brasil em busca de conferencistas para este Curso Livre.

Mais uma vez lá vem Pascal...

Em Natal conheci Monsenhor Romildo Gurgel, no Rio de Janeiro, José Henrique de Carvalho, em São Paulo, José Hely Freire e Carlos Rizzini – então diretor da Cásper Líbero e pioneiro no ensino universitário de Jornalismo no País. No Recife busquei alguém de Jornalismo.

Aparece-me, então, aquele homem bonachão, meio gordo, chinelo, de voz cantantemente arrastada, pernambucana, sorriso fácil e mão calorosa.

Ele – Luiz Beltrão, então professor da Universidade Católica de Pernambuco e depois Coordenador do Curso de Jornalismo da Universidade de Brasília. Nascia aí uma amizade estreitada ao longo de anos, acrescida com a presença competente e fraterna de Zita.

Beltrão se tornou presença freqüente no Ceará – orientando, planejando, elaborando currículo, apontando nomes para as disciplinas do novíssimo Curso de Jornalismo. Graças a ele o Curso caminhou, logo depois, com as próprias pernas. Beltrão estimulou a criação e lançamento da “Revista de Comunicação Social”, que chegou a ser, no Brasil, a de mais longa periodicidade na área – na qual ele, Beltrão, José Marques e outros estudiosos da Comunicação colaboraram em algumas edições.

Foi Beltrão que me fez conhecer Jomar Muniz de Brito, Roberto Benjamim, José Marques de Melo – de papel importante na minha vida profissional e intelectual. Roberto Benjamin me levou a fazer Livre Docência, na Universidade Federal Rural de Pernambuco, sem cujo título não chegaria a titular da Federal do Ceará....Jomar de Brito ampliou meu olhar sobre o mundo com suas idéias geniais, desafiadoras, instigantes. E José Marques de Melo que fez surgir o que ele chamava de “escola do Ceará”, ou seja, um grupo de professores universitários – de áreas diversas – que discutia, estudava e escrevia sobre comunicação. E, foi por sua mão e estímulo, o grupo produziu “Fundamentos Científicos da Comunicação” editado, por sua indicação, pela Editora Vozes.

A partir daí, graças a José Marques de Melo, participei de encontros da INTERCOM e fui conhecendo jovens e brilhantes professores – Muniz Sodré, Cremilda Medina, Ana Maria Fadul ...

Mas, em mim, o magistério caminhará sempre com o jornalismo.

Jornalismo diário, com espaço reservado para outra paixão: a militância sindical no Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará e na Federação Nacional dos Jornalistas, sem abandonar a Associação Cearense de Imprensa.

Ah, velho Pascal, você me persegue...

O Premio Luiz Beltrão -Maturidade Acadêmica - chega às minhas mãos no outono da vida, quando é bom lembrar e contar tudo isto, seguindo o conselho do Deuteronômio 11: “E estarão permanentemente , no teu coração, estas palavras... E as ensinarás diligentemente a teus filhos e falarás a respeito das mesmas quando estiveres sentado em tua casa e quando estiveres andando pelo teu caminho, quando te deitares e quando te levantares. E as atarás como sinal na tua mão e serão por frontais entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais da tua casa e nas tuas portas.”

Tenho a consciência tranqüila de que não trai a minha alma, nem fugi aos meus ideais. Ao longo destes 51 anos de vida profissional, intelectual, honrada por este premio, batizado de Luiz Beltrão, o que posso fazer e dizer senão isto como desafio, para a novíssima geração, a que há de vir, na expressão de Silvio Romero?

Assim ,não foi vã a minha passagem .

Predestinação? Ah Pascal... ah Pascal...

Muito Obrigada.